

A QUESTÃO DA LÍNGUA A LÍNGUA EM QUESTÃO

ANA NASCIMENTO PIEDADE
GLÓRIA BASTOS

1. Neste número de *Discursos*, que reflecte sobre a unidade linguística e a diversidade cultural, pareceu-nos pertinente, como «Documento de Trabalho», apresentar um conjunto de textos que dessem conta de diferentes posicionamentos e ideias face à questão da língua e à língua como questão.

O espaço limitado e a função de complementaridade temática e essencialmente ilustrativa desta recolha — porventura ponto de partida para uma pesquisa de maior fôlego — justifica, de algum modo, a arbitrariedade (no duplo sentido de subjectiva e aleatória) que ocorre na selecção destes — e não de outros possíveis — autores e respectivos trechos.

Daqui decorre, desde logo, o abandono do propósito de erudição e/ou exaustividade, bem como o reconhecimento do carácter em parte avulso e necessariamente incompleto que envolve a escolha destes excertos.

A metodologia seguida nesta apresentação — a sequência cronológica — também não é em si mesma significativa, correspondendo apenas a uma necessidade de ordenação.

2. A preocupação dos escritores portugueses com a defesa, conservação e evolução da língua, mostra como desde sempre esta constituiu uma configuração primordial da nossa individualidade colectiva. Por vezes, factor de afirmação de autonomia e patriotismo que se concretiza, em alguns dos excertos, num «louvor» da riqueza e potencialidades inerentes à língua portuguesa. Paralelamente, indício de abertura e condição de viabilidade de uma «visão do mundo» portuguesa, «voz do sangue e da terra» que por além-mares se amplia e transfigura em comunidade lusófona.

Ana Nascimento Piedade é Assistente de Literatura Portuguesa da Universidade Aberta e autora de uma tese de Mestrado intitulada *A questão estética em Mário de Sá-Carneiro* (Lisboa, 1988). Está a preparar um doutoramento sobre Eça de Queirós.

Glória Bastos é Assistente convidada de Didáctica do Português na Universidade Aberta e mestre em Cultura e Literatura Portuguesas com especialização em literatura infantil. É autora de diversos livros para crianças e colaboradora da revista *Rua Sésamo*. Participa no projecto em curso, «Sensibilização à Criatividade» — iniciativa do Departamento da Educação e Juventude da Câmara Municipal de Lisboa.

Através da diversidade de estilos, transparece um «mesmo» amor pela língua portuguesa, — «a primeira que traduziu a alma das imensas distâncias — a saudade». É sobre este comum e «filial» substrato que se proporciona a ocasião de rever algumas (entre as muitas) questões que se foram levantando em seu redor, seja a latinidade do português e a rivalidade com o castelhano e o francês, a luta contra o galicismo e a reivindicação da vernaculidade, a reflexão sobre as suas inúmeras virtualidades expressivas ou o incessante confronto entre puristas e progressistas.

3. A circunstância de alguns destes textos serem relevantes e sugestivos, quando encarados do ponto de vista literário, torna-os em si mesmos exemplificação paradigmática dessa «vibração de uma cultura» que sempre a nossa língua transportou consigo, revelando-os, por outro lado, testemunhos privilegiados da indissociabilidade vital da língua e da literatura.

Em termos de escrita, verifica-se, com frequência, uma tentativa de explicar essa situação específica de labor com a língua, que consiste na capacidade de criar/recriar a partir de um «material» comum a todos os falantes.

Esta é, afinal, a ideia sempre existente, e ainda, retomada, da relação de competência essencial existente entre a língua e a «arte» do escritor. Com efeito, «sem a língua, por mais que um autor seja divino, é sempre um mau escritor».

4. Documentos¹

DA MANEIRA PARA BEM TORNAR ALGUMA LEITURA EM NOSSA LINGUAGEM

Primeiro: conhecer bem a sentença do que há-de tornar, e pô-la inteiramente, não mudando, acrescentando, nem mingando alguma coisa do que está escrito.

O segundo: que não ponha palavras latinadas, nem de outra linguagem, mas tudo seja em nossa linguagem escrito, mais achegadamente ao geral bom costume do nosso falar que se pode fazer.

O terceiro, que sempre se ponham palavras que sejam direita linguagem, respondentes ao latim, não mudando umas por outras, assim que onde ele disser por latim *scorregar* não ponha *afastar*, e assim em outras semelhantes, entendendo que tanto

¹ A grafia dos textos está actualizada

monta uma como a outra; porque grande diferença faz, para se bem entenderem, serem estas palavras propriamente escritas;

O quarto, que não ponha palavras que, segundo o nosso costume de falar, sejam havidas por desonestas;

O quinto, que guarde aquela ordem que igualmente deve guardar em qualquer outra coisa que escrever deva, *scilicet*: que escreva coisas de boa substância claramente, para se bem poder entender, e formoso o mais que ele puder, e curtamente quando for necessário, e para isto aproveita muito paragrafar e apontar bem.

D. Duarte, *Leal Conselheiro* (1437-38)

A linguagem portuguesa que tenha esta gravidade não perde a força para declarar, mover, deleitar, e exortar a parte a que se inclina—seja em que género de escrita. [...] Certo, a quem não falecer matéria e engenho para demonstrar sua tenção, em nossa linguagem não lhe falecerão vocábulos.

João de Barros, *Diálogo em louvor da nossa linguagem* (1540)

Havermos nós agora, a um excelente
Capitão português de quantos temos,
De que se espanta e treme o Oriente,
Querer mostrar a ordem que devemos
Guardar na guerra em língua estrangeira,
Quão certo, Andrade, é que nos riremos ...

[...]

Floresça, fale, cante, oiça-se e viva
A portuguesa língua, e já onde for,
Senhora vá de si, soberba e altiva.
Se até aqui estive baixa e sem louvor,
Culpa é dos que a mal exercitaram,
Esquecimento nosso, e desamor.

António Ferreira, *Poemas Lusitanos* (1598)

E verdadeiramente que não tenho a nossa língua por grosseira, nem por bons os argumentos com que alguns querem provar que é essa. Antes é branda para deleitar, grave para

engrandecer, eficaz para mover, doce para pronunciar, breve para resolver, e acomodada às matérias mais importantes da prática e escritura. Para falar é engraçada com um modo senhoril; para cantar é suave com certo sentimento que favorece a música; para pregar é substancial, com uma gravidade que autoriza as razões e as sentenças; para escrever cartas nem tem infinita cópia que dane, nem brevidade estéril que a limite; para histórias nem é tão florida que se derrame, nem tão seca que busque o favor das alheias.

Rodrigues Lobo, *Corte na Aldeia*, Diálogo I (1619)

Imite-se a pureza dos antigos,
Mas sem escravidão, com gosto livre,
Com polida dicção, com frase nova
Que a fez ou adoptou a nossa idade.
Ao tempo estão sujeitas as palavras;
Umam se fazem velhas, outras nascem:
Assim vemos a fértil primavera
Encher de folhas ao robusto tronco,
A quem despiu o inverno desabrido.
Mudam-se os tempos, mudam-se os costumes
Camões dizia *imigo*; eu, *inimigo*.

Correia Garção, *Obras Poéticas* (1778)

Falemos português brando e sonoro
A Portugueses que entender-nos cabe.
E se espertos me argüem os peraltas
Que as riquezas vocais que assim pretendo
Introduzir, empecem à clareza
Da língua, e que o vulgar dos Portugueses
Não pode súbito abranger o senso
Das vozes clássicas, remotas do uso,
Das novas, das latinas, das compostas,
Mui pachorrento e concho lhes respondo
Que as que hoje estão em uso foram novas,
Tão difíceis então, quanto estas hoje
De serem do vulgar bem entendidas.

Filinto Elísio, *Obras Completas* (1817-18)

Senti sempre que a língua portuguesa era para todo o género de composições. E o rebelar-se ela em algumas pareceu-me que era mais inabilidade de quem a conduzia do que defeito próprio seu. Por honra dela, mais que por vaidade minha, tentei compor em tão desvairados assuntos e géneros como tenho feito. Hoje estou crente e firme convencido de que a tudo serve, a todo estilo se presta.

Almeida Garrett, *Fábulas – Folhas Caídas* (1853)

Entre os muitos méritos dos nossos livros nem sempre figura o da pureza da língua. Não é raro ver intercalados, em bom estilo os solecismos da linguagem comum, defeito grave, a que se junta o da excessiva frequência da língua francesa.

Este ponto é objecto da divergência entre os nossos escritores. Divergência, digo, porque, se alguns caem naqueles defeitos por ignorância ou preguiça, outros há que os adoptam por princípio, ou antes por uma exageração de princípio.

Não há dúvida que as línguas se aumentam e alteram com o tempo e as necessidades dos usos e costumes. Querer que a nossa pare no século de Quinhentos é um erro igual ao de afirmar que a sua transplantação para a América não lhe inseriu riquezas novas. A este respeito a influência do povo é decisiva. Há portanto certos modos de dizer, locuções novas, que de força entram no domínio do estilo e ganham o direito de cidade.

Mas, se isto é um facto incontestável, e se é verdadeiro o princípio que dele se deduz, não me parece aceitável a opinião que admite todas as alterações da linguagem, ainda aquelas que destroem as leis da syntaxe e a essencial pureza do idioma. A influência popular tem um limite; e o escritor não está obrigado a receber e dar curso a tudo o que o abuso, o capricho e a moda inventam e fazem correr. Pelo contrário, ele exerce também uma grande parte de influência a este respeito, depurando a linguagem do povo e aperfeiçoando-lhe a razão.

Machado de Assis, *Novo Mundo* (1872)

Em Portugal somos algum tanto mais latitudinários, evidentemente. A opinião mostra-se sempre animadora e amorável aos sarrafaçais diligentes do jornalismo, e tem um fraco especial,

de mãe extremosa, pelas bobices reles e pelos chulismos crassos dos linguaeiros sem gramática e sem escova de unhas.

Fora da chacota surrada, de botequim porco, na análise das paixões, no estudo dos temperamentos e dos caracteres, na poesia, na história, no drama, na crítica social, na controvérsia política, *não temos expressões* — como dizem nos brindes dos banquetes solenes os bacalhoeiros comovidos.

Falta-nos a precisão no termo exacto; falta-nos a elasticidade no giro da locução; falta-nos o rasgo pitoresco no desenho da frase; falta-nos a vibrante harmonia na orquestração do discurso. Coçamo-nos, contorcemo-nos, desarticulamo-nos, a querer dizer *amor*, e nunca nos chega a língua. Temos a prosa histórica, abastardada, exangue e desfalecida de uma raça moribunda.

A nossa pobre geração de anémicos dá à história das letras um ciclo de tatibitates. Estamos a chegar a velhos com a língua ainda peada, de literatiços mamões. E no fim deste século, de uma quase tão grande decadência literária como a do fim do século passado, pergunta a gente de onde nos virá um Filinto e um Bocage, que rape da tesoura com que se há-de cortar a trave à geração seguinte.

Ramalho Ortigão, *As Farpas* (1884)

A velha legislação da linguística estremadamente lusa dos Sousas, e Bernardes, e Filintos, foi derogada a par e passo que as ideias de coisas novas, multiplicadas, se sentiam cativas e inexpressáveis no agorentado círculo da velha ciência, da velha arte, e dos acanhados panoramas da vida antiga. Tudo já agora nos move a indulgenciar a contextura afrancesada da frase indígena, porque insensivelmente e contra vontade nos surpreendemos a pensar em francês, pelo reflexo dos livros elementares da nossa educação literária e da nossa convivência intelectual e recreativa com Franceses. O termo *galicismo*, este monstro, está a ser fechado no arquivo das catureiras arqueológicas de alguns castiços veteranos, adidos ao paládio dos quinhentistas. Não são esses, todavia, os que hão-de aligar ao oiro puro da dicção portuguesa a contribuição de vocábulos que a opulentem e equiparem às linguagens de que de dia em dia auferimos a nomenclatura das artes, das ciências, dos ofícios. Afora isso, a literatura propriamente dita, como o drama, a novela contempo-

rânea, para que sejam do seu tempo, carecem de ferir a nota moderna, a palavra peregrina, de sabor estranho, picante, onomatopaica, para que se faça bem exprimir o nosso cosmopolitismo psicológico.

Camilo Castelo Branco, Prefácio do *Grande Dicionário contemporâneo francês-português*, de Domingos de Azevedo (1887)

Outros como ele [Camilo] trabalharam a língua portuguesa, e a souberam com intimidade igual e exuberância; mas nenhum lhe deu aquela alma indómita, transfiltrando-lhe a pompa, o brilho, a energia e a graça em que ele a amoedou.

Estes predicados, muitos são da língua, convenho; quintessenciados porém pelo talento do escritor, e adquirindo pelo individualismo dele uma acuidade incomparável.

[...]

Um dos predicados admiráveis desta língua é não cheirar ela nunca a literatura: ser uma língua de acção, embora às vezes bizarra e com efeitos orquestrais, que tanto lhe vêm dos assuntos como da combinação rítmica das sílabas.

Fialho de Almeida, «Camilo Castelo Branco», *Revista Ilustrada*, Lisboa, n.º 6, Junho (1890)

Um homem só deve falar, com impecável segurança e pureza, a língua da sua terra: — todas as outras as deve falar mal, orgulhosamente mal, com aquele acento chato e falso que denuncia logo o estrangeiro. Na língua verdadeiramente reside a nacionalidade; — e quem for possuindo com crescente perfeição os idiomas da Europa vai gradualmente sofrendo uma desnacionalização. Não há já para ele o especial e exclusivo encanto da *fala materna* com as suas influências afectivas, que o envolvem, o isolam das outras raças; e o cosmopolitismo do verbo irremediavelmente lhe dá o cosmopolitismo do carácter. Por isso o poliglota nunca é patriota. Com cada idioma alheio que assimila, introduzem-se-lhe no organismo moral modos alheios de pensar, modos alheios de sentir. [...]

Além disso, o propósito de pronunciar com perfeição línguas estrangeiras constitui uma lamentável sabujice para com o estrangeiro. Há aí, diante dele, como o desejo servil de *não sermos nós mesmos*, de nos fundirmos nele, no que ele tem de

mais seu, de mais próprio, o vocábulo. Ora isto é uma abdicação de dignidade nacional. [...] Falemos nobremente mal, patrioticamente mal, as línguas dos outros! [...] Eu tive uma admirável tia que falava unicamente o português (ou antes o minhoto) e que percorreu toda a Europa com desafogo e conforto. Esta senhora, risonha mas dispéptica, comia simplesmente ovos — que só conhecia e só compreendia sob o seu nome nacional e vernáculo de ovos. Para ela *huevos*, *oeufs*, *eggs*, *das ei*, eram sons da Natureza bruta, pouco diferenciáveis do coaxar das rãs, ou de um estalar de madeira. Pois quando em Londres, em Berlim, em Paris, em Moscovo, desejava os seus ovos — esta expedita senhora reclamava o fâmulos do hotel, cravava nele os olhos agudos e bem explicados, agachava-se gravemente sobre o tapete, imitava com o rebolar lento das saias tufadas uma galinha no choco, e gritava qui-qui-ri-qui! có-có-ri-qui! có-ró-có-có! Nunca, em cidade ou região inteligente do universo, minha tia deixou de comer os seus ovos — e superiormente frescos!

Eça de Queirós, *A Correspondência de Fradique Mendes* (1900)

A linguagem popular é uma florescência espontânea da alma, em casamento com o próprio sentir e a paisagem. E é tão animada, que certas palavras, já mortas no Dicionário, ainda vivem, cheias de infância, nos seus dizeres.

Por isso, a linguagem popular é mais irmã do Verbo divino que a linguagem dos letrados. É a voz do sangue e da terra.

O Povo dá quase sempre actividade às coisas mortas, passivas, o que demonstra a natureza panteísta do seu génio.

E as pitorescas expressões, tão animadas das próprias coisas que traduzem! Como as *videiras choram*, quando as ferem; como as *flores riem*, no mês de abril; como as *névoas avoam da barra*, pelo dezembro!

Teixeira de Pascoaes, *Arte de ser Português* (1915)

Por isso vos convido — ó jovens da *elite* — a uma crítica disciplinadora e a um tentame de organização: ao culto da lucidez, da ordem, da coerência e do espírito prático, ao idealismo com senso-comum e à forma simples sem ser trivial. «Aquele que sabe que é profundo esforça-se por ser claro; o que o quer

parecer diante das turbas, esse procura a obscuridade» (Nietzsche). Os fabricantes de «sublimidades» vagas, sentimentais, oraculares, sempre vão conseguindo o que pretendem, em parte pelo apreço dos da mesma laia, em parte por facto semelhante ao que fez dizer a um nosso clássico: *porque vendem a sua ignorância por mistério, e como ninguém quer mostrar que ignora o que o outro mostra que sabe, fica-lhes mais perto aprovar a parvoíce alheia que descobrir a própria.*

António Sérgio, *Ensaios*, tomo I (1920)

Não choro por nada que a vida traga ou leve. Há porém páginas de prosa que me têm feito chorar. Lembro-me, como do que estou vendo, da noite em que, ainda criança, li pela primeira vez, numa selecta, o passo célebre de Vieira sobre o Rei Salomão. «Fabricou Salomão um palácio ...» E fui lendo até ao fim, trémulo, confuso; depois rompi em lágrimas felizes, como nenhuma felicidade real me fará chorar, como nenhuma tristeza da vida me fará imitar. Aquele movimento hierático da nossa língua majestosa, aquele exprimir das ideias nas palavras inevitáveis, correr de água porque há declive, aquele assombro vocálico em que os sons são cores ideais — tudo isso me toldou de instinto como uma grande emoção política. [...]

Não tenho sentimento nenhum político ou social. Tenho, porém, num sentido, um alto sentimento patriótico. Minha pátria é a língua portuguesa. Nada me pesaria que invadissem ou tomassem Portugal, desde que não me incomodassem pessoalmente. Mas odeio, com ódio verdadeiro, com o único ódio que sinto, não quem escreve mal português, não quem não sabe sintaxe, não quem escreve com ortografia simplificada, mas a página mal escrita, como pessoa própria, a sintaxe errada, como gente em quem se bata, a ortografia sem ipsilon, como um e carro directo que me enoja independentemente de quem o cuspiisse.

Fernando Pessoa / Bernardo Soares, *Livro do Desassossego* (1931 [?])

É também de interesse primário levar os rapazes a amar as palavras — mostrar como são cheias de beleza, outras como são engraçadas, outras como são doces. [...] Que amor terá uma criança a uma palavra que a fez suar, levar descomposturas, levar reguadas? Nunca o Eugénio de Castro chegaria a encontrar cheia

de beleza a palavra «Gomil», se os seus velhos mestres de Português, como soldados bêbados, lhe tivessem violentado a virgindade. Felizmente que, adormecida como a Bela do Bosque, não caiu nas garras de nenhum gramaticão que a desfibrasse e lhe chamasse substantivo concreto (santo Deus!), que faz plural em *is* e concorda em género e número com o adjectivo que o qualifica. Talvez os rapazes de há vinte anos estejam convencidos de que «as armas» com que *Os Lusíadas* começa são armas de fogo e que «os barões» são descendentes dos barões de farsa do Camilo: mas dirão tintim por tintim o género, o número, a classe das duas palavras. O que fazem a um homem depois de morto!

Sebastião da Gama, *Diário* (1958)

Vou às cegas para o poema, como certos animais por instinto caminham para a morte. As palavras aí estão, amorfas, ainda. A mão, com infinita paciência, vai-as aproximando, criam-se tensões entre algumas, outras fundem-se para a eternidade, e assim vai nascendo o poema. Ritmo, palavras, imagens, e a ordem dos factores *não* é arbitrária. Um pequeno organismo começa a respirar, a exigir atenção.

Eugénio de Andrade, «Do silêncio à palavra»,
Poesia e Prosa [1940-1980] (1981)

No fim de contas as palavras são serviam apenas para meter na ordem gaiatos descompostos, insultar as vizinhas lingüareiras da cave ou adormecer com canções o ranho dos miúdos. Dispostas de certa maneira adquiriam outro significado, exprimiam sentimentos e valores que os homens só daquela forma se atreviam a desabafar em voz alta com cerimonial de ritmos pautados.

Tratava-se sem dúvida de um jogo (o que há de mais sério para uma criança), mas de um jogo que, por manifesta singularidade, também agradava às pessoas crescidas. Pelo menos os livros escolares não regateavam elogios clamorosos a esses seres mágicos que acendiam as palavras e as obrigavam, por assim dizer, a buscar-se umas às outras no papel, carregadas de electricidade de sexos contrários. Não se chamava a Portugal a Pátria de Camões? E à Itália a Pátria de Dante?

José Gomes Ferreira, *A memória das palavras* (1965)

É o português uma velhíssima e nobre língua latina espalhada pelos cinco continentes. Nela cantaram e cantam grandes vultos inspirados, de Camões a Fernando Pessoa, de Bernardim Ribeiro a Teixeira de Pascoaes. Capaz de dar guarida às mais desabusadas fúrias épicas e às mais discretas confidências líricas, dúctil e colorida em todos os paralelos geográficos que nas suas andanças visitou, poucas igualam nos fecundos dons proteicos, na sua barroca plasticidade. Mas a Europa culta conhece-a mal, e a lira temperada nos confins ibéricos «onde a terra se acaba e o mar começa», embora com todas as cordas a vibrar de extremo ocidente a extremo oriente, tem sofrido, séculos a fio, a injusta condenação de se ver privada de participar no polifónico coro das nações, e de emprestar à orquestração universal o inesperado concurso de uma vivida e natural simpatia cósmica. Felizmente que o encanto se quebrou por obra e graça do vosso arbítrio. Seja essa a precária virtude dos meus versos: contribuir, na sua exacta medida, para que a singularidade expressiva de um povo, simultaneamente loquaz e sucinto, urdidor de romanceiros e sintetizador de rifões, possa de ora avante patentear à curiosidade cosmopolita toda a sua riqueza e originalidade.

Miguel Torga, *Diário XII* (1977)